
A perplexidade e o autoconhecimento

Álvaro A. Schmidt Neto

Mestre em Educação pelo PPGE – Uninove;

Doutorando em Educação – PUC-SP

São Paulo – SP [Brasil]

O objetivo deste trabalho é discutir o conceito de autoconhecimento. Poderíamos propor um caminho histórico sobre essa concepção e analisá-la sob os diferentes prismas e enfoques. Talvez fosse exatamente essa a proposta deste trabalho, caso não tivéssemos tido um momento de perplexidade, que nos mostrou quanto a análise e o caminho histórico são relativos. Permitiu-nos perceber quanto precisamos da metáfora para furar a tessitura do real e alcançar sentidos que superam e transcendem as aparências. A perplexidade revelou o avesso do sentido e nos convidou a percorrer o caminho que se faz caminhando. Inspirados no texto de Gauthier, escolhemos trabalhar a questão da metáfora tendo como base a história chamada “A lição do papagaio”, para esclarecer o conceito de autoconhecimento por meio da perplexidade. De maneira geral, o texto tem como “pano de fundo” a interdisciplinaridade e a necessidade de superarmos o paradigma de uma escola disciplinar e positivista.

Palavras-chave: Autoconhecimento. Perplexidade.

1 De onde veio a perplexidade?

Pode parecer prematuro, mas, em duas aulas do Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinar (GEPI) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, uma infinidade de conceitos, idéias e entendimentos surgiram como fonte inesgotável de sentido. Estávamos apenas iniciando os trabalhos e o grupo nem havia ainda discutido grandes questões educacionais. Aparentemente, era o anúncio de mais um início de semestre, e os temas a serem tratados começavam a ser expostos. Aparentemente! Por trás da mera aparência, havia um clima, uma disposição, um estímulo para encarar a educação e a pesquisa em educação com um olhar voltado para a prática. A perplexidade surgiu repleta de simplicidade e acompanhada de sentimentos que há muito não eram vivenciados em salas de aula: “liberdade, alegria e solidariedade”. Isso significou, mais ou menos, a alegre sensação de uma autonomia solidária. Explicando: com esse grupo de pessoas, foi possível sentir-se autônomo e, ao mesmo tempo, dependente. A alegria dessa sensação é a de se perceber construtor de caminhos ou de proporcionar a perspectiva de novas esperanças.

Assim, a perplexidade permitiu um olhar diferente sobre a produção acadêmica, mas, além disso, sugeriu um pensamento que transcendesse o objeto. A perplexidade é a apreensão de um sentido que está além do sentido e que desperta o sujeito para a sua própria consciência. Como afirma Pineau (1999, p. 37): “[...] o sentido do sentido inscreve-se no próprio coração da consciência. E é possível dizer que o eu nasce a partir do momento que ele tem o poder de apropriar-se desse trabalho.”

2 Para onde vai a perplexidade?

A visão positivista da ciência desenha uma realidade extremamente matemática, precisa e exata. O objeto da pesquisa se desvencilha do seu contexto e, isolado num tubo de ensaio, se esconde de si mesmo. O sujeito que observa o objeto, o pesquisador, preocupa-se apenas em explicar o fenômeno, aquilo que aparece. Entretanto, o que, de fato, está à mostra? Um ser desvinculado de seu contexto, subtraído de sua ação e limitado a um rígido controle externo. Apesar disso, o ser ainda está ali, mesmo que esquartejado, e, por isso, a análise do objeto revela algo do ser, porém, trata-se apenas de um aspecto seu, de um sentido descontextualizado.

A visão interdisciplinar valoriza o contexto e procura olhar o objeto em suas múltiplas faces. São diferentes olhares sobre ele, que, na sua complexidade, revela antagonismos e complementações. Não é mais um objeto único e isolado no tubo de ensaio, mas um ser vivo, em movimento. Como dizia Heráclito: “[...] nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos” (HERÁCLITO, Fragmento 49a). Para esse estudioso, os fenômenos se encontravam em perpétua tensão e numa busca constante de equilíbrio. Esse jogo de opostos produz o movimento, que constitui a unidade do ser. “Não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias, como de arco e lira [...]” (HERÁCLITO, Fragmento 51). Isolar o objeto é reduzir o número de tensões. Como aprofundar o sentido da lira na ausência da tensão entre o arco e a corda? Como entender o sentido do pássaro, se está preso na gaiola?

A perplexidade é o encontro do ser com suas tensões. É penetrar no movimento do ser, que, segundo Heráclito, transmite a sua própria unidade. Essa unidade não pode prescindir da vida, que espelha uma realidade complexa tecida por diferentes fios, ora antagônicos, ora complementares. Logo, a unidade do ser para Heráclito é o reflexo das tensões, contradições e conflitos da própria vida.

3 Uma história

Um comerciante persa, preparando-se para uma viagem de negócios à Índia, perguntou aos seus familiares que presente gostariam de receber. Depois de anotar os pedidos da esposa, das filhas, dos filhos e dos servos da casa, lembrou-se do papagaio de estimação, que mantinha preso em uma gaiola. Perguntando-lhe, então, o que gostaria de ganhar, recebeu a seguinte resposta:

— “Ó amo, quero que o senhor, indo a algum parque ou bosque desse lugar, procure algum papagaio e lhe conte como o senhor também tem em casa um papagaio, e como eu vivo numa gaiola”.

O comerciante estranhou o pedido, mas o guardou na memória e partiu em viagem.

Chegando à Índia, fez seus negócios, comprou os presentes para a família e, pouco antes de regressar, lembrou-se do pedido do papagaio. Foi a um bosque nas proximidades de onde estava e, encontrando outra ave da mesma espécie, contou-lhe que tinha em casa um papagaio que vivia engaiolado.

Ao ouvir o que o homem dizia, o papagaio indiano imediatamente caiu no chão, como morto. O comerciante achou aquilo muito estranho e, sem saber o que pensar retomou o caminho de volta para a sua casa.

Depois de alguns dias de viagem, estava de volta ao seu país. Houve grande festa na casa e a distribuição de muitos presentes. Até que o comerciante lembrou-se de seu papagaio e, indo até ele contou-lhe que tinha falado com o papagaio indiano e que, após o relato, este imediatamente caíra morto.

Mal terminara de contar isso, o papagaio caiu no chão da gaiola, como se tivesse sido fulminado por repentina e fatal enfermidade. O comerciante não acreditou no que via. Pegou o corpo inerte do papagaio nas mãos, retirou-o da gaiola e chorou por perder a ave tão querida.

De repente, o papagaio desvencilhou-se do dono, alçou vôo e foi empoleirar-se no galho mais alto de uma árvore perto de onde estavam. O comerciante, não entendendo nada, perguntou:

— “Que é isso, minha avezinha? O que está acontecendo?”

— “Ó amo”, respondeu a ave, “o papagaio indiano a quem o senhor contou minha situação não estava morto quando caiu no chão, mas apenas fingindo-se de morto, para me ensinar de que maneira poderia livrar-me da prisão em que o senhor me mantinha. Quando lhe pedi que falasse com outro papagaio, estava precisamente desejando adquirir um ensinamento que me libertasse. Consegui, e agora sou livre”.

E, dizendo isso, bateu asas para nunca mais voltar.

4 Mais vale um pássaro voando do que na gaiola

Que sentido pode ter um pássaro preso em uma gaiola? Sim, ele canta, ele embeleza o quintal e traz alegria a seu amo, mas o que mais poderá oferecer dentro desse espaço limitado? Na nossa história, o papagaio mostrou que, além do canto e da beleza, existia a liberdade, essência do ser-papagaio. E como o papagaio conquistou a sua liberdade? Por meio da metáfora, que, por sinal, deixou o seu amo perplexo!

Vamos imaginar, por um momento, o personagem da nossa história como um papagaio positivista. Obedecendo à máxima positivista de que as coisas são o que aparentam ser e nada mais, o papagaio concluiria que o jeito era morrer mesmo! Após uma longa greve de fome, iria conquistar sua liberdade por meio da morte. Sim, ele estaria livre, mas sua libertação teria lhe custado a vida.

No entanto, como a história ilustra, o sentido pode estar além da aparência. A metáfora permitiu a liberdade e uma nova vida ao papagaio. Além disso, o amo percebeu que o sentido da existência de sua ave estava muito além daquela gaiola. Quantos pesquisadores e cientistas ainda se encontram presos às suas “gaiolas”? Quantos ainda insistem em olhar apenas para o que há dentro delas? E quantos movimentos do ser, nos termos de Heráclito, são engaiolados por medo das tensões, contradições e conflitos da vida?

O jogo das tensões, a luta entre a vida e a morte, o movimento do ser ao encontro de si mesmo traz perplexidade e, com ela, a insatisfação das explicações aparentes, dos sentidos abstratos e da logicidade morta. Para o homem moderno que ainda não conseguiu libertar os seus “pássaros” e continua querendo subjugar

a natureza, impondo-lhe uma cruel escravidão, a história do papagaio ensina a lição do diálogo, em que muitas de nossas questões podem ser superadas, desde que haja um entendimento mútuo. O papagaio da gaiola conquistou a liberdade, exatamente, porque soube dialogar com seu semelhante. A solidariedade do papagaio da floresta para com o preso na gaiola é um exemplo de como podemos ajudar os outros sem, ao menos, conhecê-los pessoalmente. A história nos mostra também que não haveria liberdade não fosse a busca, a pergunta, a inquietação e o inconformismo. Assim, para obter conhecimento, o papagaio precisou indagar.

5 O autoconhecimento está dentro ou fora do ser?

Continuando com nossa metáfora, que autoconhecimento pode ter um papagaio preso em uma gaiola? Ele está condicionado a comer e a beber aquilo que lhe é oferecido num determinado momento. Sua visão de mundo é limitada pelo espaço que a gaiola ocupa no quintal. Ele não se relaciona com nenhum semelhante e, principalmente, não voa! Uma vez solto, terá dificuldades de se locomover, se alimentar, se proteger, se relacionar... Enfim, sabe muito pouco de si mesmo. A perplexidade dessa situação pode auxiliá-lo a superar dificuldades e a mostrar-lhe um caminho para a sobrevivência. O meio ambiente pode ajudá-lo a perceber quem ele é e do que precisa para sobreviver.

Preso na gaiola, o papagaio pede ao seu amo um presente, sente, no seu íntimo, que talvez sua condição não seja aquela. Apesar de nunca ter estado fora da gaiola, percebe que o seu ser está muito além daquela situação imposta por seu amo. Assim, há algo em seu inte-

rior que diz: “você pode ser mais do que isso”. É a unidade do ser, explicada por Heráclito, gritando ao papagaio: “há uma contradição entre o que você é e deveria ser, siga o movimento do ser e descubra a sua unidade, ou sentido!”

6 O autoconhecimento e a escola

A história do papagaio ilustra algumas situações da escola brasileira. Os estudantes se vêem em “gaiolas”, observados por um professor que quer interagir apenas com alguns aspectos desses seres. Não é necessário desenvolver a capacidade de pensar, conjecturar, imaginar, conviver, sentir, partilhar... Basta aprender a reproduzir. Como o papagaio, nossas crianças não voam e, assim, limitam-se a conhecer apenas alguns aspectos do seu verdadeiro potencial. Gusdorf ilustra muito bem essa situação:

O aluno assiste à lição com uma presença inteiramente lógica; só os seus ouvidos estão atentos, o resto de sua personalidade ficou no vestiário. O mestre “dá sua aula”, o aluno “estuda” sua lição; e, no dia do exame, será capaz de recitá-la como a ouviu. Ao discurso pronunciado do alto da cátedra, *ex cathedra*, corresponde um outro discurso que lhe faz eco, tão impessoal quanto o primeiro. Às horas litúrgicas do calendário escolar, o mestre e os alunos enfrentam-se sem dizerem uns aos outros nada além do que é preciso dizer, e sem que jamais a personalidade de um ou dos outros tenha o direito de entrar no circuito. Mais exatamente, a personalidade do bom professor como a do bom aluno

consiste na ausência de personalidade. (GUSDORF, 2003, p.176, grifos do autor).

Os estudantes podem intuir, porém, que talvez sejam algo mais do que lhes é exigido. Podem olhar para suas asas e perguntar qual seria a utilidade delas afinal. Ou ainda, conquistar a consciência da consciência. Como afirma Gusdorf, “[...] a consciência filosófica é a consciência da consciência [...]” (GUSDORF, 2003, p. 253). Esse é o momento da perplexidade! Na história do papagaio, o amo fica perplexo quando vê sua avezinha se desvencilhar de suas mãos e conquistar a liberdade. Nesse momento, entende o sentido do pássaro ou a unidade do ser pássaro. Há a esperança de que os professores, como o amo da avezinha, consigam olhar para seus alunos e alunas e verem-se perplexos diante de uma personalidade aprendente.

Não há necessidade de engaiolarmos nossos alunos com o objetivo de evitar o movimento das tensões e dos conflitos. Esse movimento é vida. Ao viver na intensidade do ser, abrimos as “gaiolas” e nos surpreendemos com o conhecimento. Não um conhecimento fragmentado e “bancário” no conceito de Paulo Freire, mas significativo, transformador e revelador de nossa própria identidade, descoberta a cada momento, como um pássaro a se conhecer em seu vô!

The perplexity and the self-knowledge

The aim of this study is to discuss the conception of self-knowledge. We could propose a historical way about this conception and analyze it under different points of view and approaches. Maybe that was exactly the proposal of this work, if we had not had a moment of perplexity that showed us how

relative the analysis and the historic way are. It permitted us to perceive how we need the metaphor in order to bore the tessitura of reality and to reach senses that top and overtop the appearances. The perplexity showed the opposite side of sense and invited us to go through the way we do walking. Inspired by the Gauthier text, we chose investigate the question of metaphor basing on the history named “The lesson of parrot” to clarify the notion of self-knowledge through the perplexity. In general manners, the text has as back-cloth the interdisciplinarity and the necessity of surpassing the paradigm of a disciplinary and positivist school.

Key words: Perplexity. Self-knowledge.

Referências

ANDERY, M. A. et al. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. São Paulo: Educ, 2003.

GAUTHIER, J. Z. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. *Revista Brasileira de Educação*, jan./fev./mar./abr., n. 25, 2004.

GUSDORF, G. *Professores para quê?: uma pedagogia da pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PINEAU, G. O sentido do sentido. In: *Educação e transdisciplinarietà*. 1. Encontro Catalisador do CETRANS da Escola do Futuro – USP. São Paulo, 15 a 18 de abril de 1999.